

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

REFLEXÃO MEDIADA OU IMEDIATA: UMA REAVALIAÇÃO RICOEURIANA DO MODO COMO SE DEVE PENSAR O SUJEITO CARTESIANO¹

*Bárbara Araldi Tortato*²,

Resumo:

Procuraremos justificar, no presente artigo, a importância da literatura na construção do sujeito ricoeuriano, mostrando ser indefensável a suposição cartesiana de que o autoconhecimento é atingido por meios intuitivos. No lugar da reflexividade intuitiva cartesiana sugere-se a *reflexividade mediada*. Esta *mediação* é o próprio ato interpretativo. Ricoeur sugere que o símbolo, o texto, a narrativa, estão nos convidando a um “situar-se no mundo”, já que são um laboratório de experiências, reforçando o papel de intérprete do sujeito. O leitor compreende a si mesmo quando traz a este si significados que conquistou nesta interpretação, ou seja, o sujeito é constituído nesta sua “ida ao texto”, é ele que se compreende ao “ir ao texto”.

Palavras-chave: Literatura; sujeito; interpretação; mediação.

Abstract:

We will try to justify, in this article, the importance of literature in the construction of the ricoeurian subject, showing to be indefensible the Cartesian assumption that self-knowledge is reached by intuitive means. Mediated reflexivity is suggested rather than Cartesian intuitive reflexivity. This mediation is the interpretive act itself. Ricoeur suggests that the symbol, the text, the narrative, are inviting us to “situate ourselves in the world”, since they are a laboratory of experiences, reinforcing the role of the subject's interpreter. The reader understands himself when he brings to himself meanings that he conquered in this interpretation, in other words, the subject is constituted in his path through the text, he understands himself by reading it.

Keywords: Literature; subject; interpretation; mediation.

¹ Mediated or immediate reflection: a ricoeurian reassessment of the way the Cartesian subject should be thought

² Bárbara Araldi Tortato é mestre em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Endereço de e-mail: barbaratortato@hotmail.com

UMA CRÍTICA AO MODELO CARTESIANO DE PERCEBER O SUJEITO

O pensamento filosófico, apesar de ter autonomia para escolher o ponto de discussão de onde vai partir, nunca *começa*: pelo contrário, está sempre em *dependência de elementos precedentes* e que, segundo Paul Ricœur, por mais que sejam abordados pela filosofia, não serão nunca exauridos por ela. A filosofia, segundo ele, portanto, nasce a partir de um movimento que surge fora dela: a própria vida, a cultura, as experiências de conflito, de dúvida, de desproporção; e busca tornar inteligíveis estas experiências.

Na obra *Filosofia da Vontade: o voluntário e o involuntário*³, Ricœur esclarece esta função da filosofia quando desacredita a tentativa de fazer dela um sistema conceitual⁴ porque, segundo ele, a filosofia deve procurar entender a vida a partir de conceitos, porém estes são apenas *indicações* de uma experiência vivida, e não *domínio cognitivo* sobre ela⁵.

Além disso, durante o longo desenvolvimento de sua obra, Ricœur esteve sempre a *reabrir* questões filosóficas, considerando esta uma possibilidade - senão a própria função - da atividade filosófica, e, para tal, percebeu também a possibilidade de encontrar em filósofos precedentes recursos ainda não percebidos a serem desenvolvidos em novos contextos⁶.

Para que o pensamento filosófico se aproxime fecundamente destas experiências cotidianas que o reclamam, Ricœur se propôs, em primeiro lugar, a reavaliar o modo como deve se posicionar o sujeito pensante ao se reportar à experiência. É a partir deste novo posicionamento que procuraremos justificar, no presente artigo, a importância da literatura na construção deste novo sujeito.

A proposta de repensar este sujeito surge ao perceber que a filosofia precedente do modelo sujeito-objeto inaugurada por Descartes falha ao pretender ser uma

³ Primeira obra da trilogia de estreia da filosofia propriamente ricœuriana, já que as obras precedentes foram principalmente desenvolvidas sobre a filosofia de outros pensadores, dentre eles Jaspers, Gabriel Marcel e Husserl.

⁴ Como pretendia Hegel, por exemplo. Cf. RICOEUR, Paul. **Réflexion faite: Autobiographie intellectuelle**. Paris: Éditions du Seuil, 1995, p. 40.

⁵ Tanto que pretende repensar a maneira de abordar o problema do sujeito e, no segundo e no terceiro volume da mesma obra, Ricœur tinha a ambição de “franchir la coupure instaurée par le *Volontaire et l'involontaire* entre l'analyse eidétique et dialectique des structures formelles de la volonté et la description de cette figure ‘historique’ exemplaire que constitue la volonté mauvaise”. RICOEUR, 1995, p. 27.

⁶ Ricœur reabriu questões filosóficas postas pela filosofia reflexiva de Descartes, pela fenomenologia de Husserl, pela filosofia estruturalista de Saussure; recorre à filosofia aristotélica, agostiniana, heideggeriana, gadameriana, bachelardiana, à psicanálise de Freud, à história da religião de Eliade para desenvolver o que, segundo ele, nestas correntes encontravam-se enquanto potências ainda não exploradas.

teoria do conhecimento, porque “acaba não dando conta da nossa experiência de nós mesmos, dos outros nem do mundo em que vivemos e atuamos”⁷.

Para Ricoeur o si ainda é uma verdade que o próprio si alcança, na mesma linha de Descartes, “mas esta primeira referência da reflexão à posição do si, como existente e pensante, não é suficiente para caracterizar a reflexão”⁸. E não é suficiente porque a reflexão do si não pode ser intuitiva, isto é, é indefensável a suposição cartesiana de que a autoconsciência, e o corolário autoconhecimento, são atingidos por meios intuitivos. Ricoeur defende que, pelo contrário, este estado de *autoconsciência* e de *autoconhecimento* só são possíveis na medida em que se entra em contato com o *outro*, com o mundo *exterior*. O si só pode ser localizado através de suas expressões, portanto, “a reflexão é o esforço por capturar o *Ego* do *Ego Cogito* no espelho de seus objetos, de suas obras e finalmente de seus atos”⁹. Para Ricoeur a reflexão sobre si inclui a reflexão do que está fora de si.

Apesar de perceber que a precedente abordagem cartesiana do sujeito como um conhecedor imediato de si não se sustenta, a tradição reflexiva não é abandonada, mas repensada: no lugar da reflexividade intuitiva (e, logo, imediata) sugere-se a *reflexividade mediada*. Esta *mediação* é o próprio ato interpretativo¹⁰. A intuição, anteriormente considerada como reveladora, na teoria cartesiana, não precisava da interpretação, já que a intuição não supunha elementos exteriores. Sendo, simultaneamente, conhecedor e objeto conhecido, o sujeito cartesiano não precisava de mediações, pois era um “mecanismo” circular. A necessidade de que haja interpretação é o que diferencia a reflexão da intuição. A reflexão, na teoria ricoeuriana, “é uma reapropriação do nosso esforço por existir”¹¹, ela pressupõe que o que vai ser apropriado não está dado a partida: que a reflexão, para se tornar apropriadora, procede de uma “falta”, de algo “perdido” ou “esquecido”. Os objetos pelos quais pratica-se a reflexão são objetos exteriores, são separados temporal e espacialmente do sujeito. São, portanto, portadores de algo a ser interpretado, porque não fazem parte da minha própria existência intuitiva. É por se esforçar e por desejar que o sujeito consegue se posicionar diante da verdade do si, o que faz pensar na seguinte assertiva: “a reflexão é a apropriação de nosso

⁷ PELLAUER, David, **Comprender Ricœur**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 18.

⁸ “Mais cette première référence de la réflexion à la position du soi, comme existant et pensant, ne suffit pas à caractériser la réflexion”, em RICOEUR, **De l'interprétation: essai sur Freud**. Paris: Éditions du Seuil, 1965, p. 51

⁹ “La réflexion est l'effort pour ressaisir l'Ego de l'Ego Cogito dans le miroir de ses objets, de ses œuvres et finalement de ses actes”, em RICOEUR, 1965, p. 51

¹⁰ “Necessidade que tem toda a reflexão (sobre si) de se tornar hermenêutica” PORTOCARRERO, Maria Luísa. **A hermenêutica do conflito em Paul Ricoeur**. Coimbra: Minerva, 1992. p. 61.

¹¹ “Une réappropriation de notre effort pour exister” em RICOEUR, 1965, p. 52.

esforço por existir e de nosso desejo de ser, através das obras que testemunham este esforço e este desejo”¹².

Uma reflexividade concreta, como é esta proposta por Ricoeur, por definição, depende de elementos externos - enquanto um sujeito que alcança sua consciência imediatamente é um elemento isolado, incapaz desta reflexão. “O sujeito, afirmava eu, não conhece a si mesmo diretamente, mas somente através dos sinais depositados na sua memória e no seu imaginário pelas grandes culturas”¹³, ou seja, são os elementos que compõem o mundo cultural e a memória coletiva que permitem a reflexividade necessária para o sujeito se conhecer.

Este novo sujeito ricoeuriano não dá conta de si mesmo num processo que dispensa o apelo ao outro. E este outro não se esgota na presença de outros sujeitos, mas, pelo contrário, o “outro” que se torna mais importante nesse processo de reflexão como objeto capaz de refletir, é o amálgama cultural, os instrumentos culturais. A constituição do sujeito caracteriza-se principalmente por um retorno a si depois desta ida até o “outro”: a experiência humana acontece na medida em que o sujeito interpreta a realidade e os símbolos que a representam (“condição originariamente *lingüística* de toda a experiência humana. A percepção é dita, o desejo é dito”¹⁴).

O papel do símbolo e da narrativa na reflexividade-mediada

Neste sentido, o símbolo torna-se um aclarador da experiência humana. Direciona-se no sentido de ordenar esta experiência e, portanto, sugere uma interpretação dela. Uma interpretação de um símbolo não cria uma alegoria, mas conduz a uma situação real, decifradora da realidade. O intérprete o *deduz*. Deduz-se o símbolo, que decifra a realidade.¹⁵ “O símbolo empregue como decifrador da realidade humana é “deduzido”, no sentido técnico do termo, quando é aferido pelo seu poder de suscitar, de aclarar, de ordenar todo um campo de experiência humana”¹⁶.

¹² “La réflexion est l’appropriation de notre effort pour exister et de notre désir d’être, à travers les oeuvres qui témoignent de cet effort et de ce désir” em RICOEUR, 1965, p. 54.

¹³ “Le sujet, affirmais-je, ne se connaît pas lui-même directement, mais seulement à travers les signes déposés dans sa mémoire et son imaginaire par les grandes cultures.” em RICOEUR, 1995, p. 30.

¹⁴ RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando, Porto: Rés, 1986, p. 40.

¹⁵ Seguindo a linguagem de Heidegger dir-se-ia que “a interpretação filosófica dos símbolos consiste em elaborar existenciais que exprimem as possibilidades mais fundamentais do *Dasein*” (RICOEUR, *O Símbolo dá que pensar*, p. 12).

¹⁶ RICOEUR, *O Símbolo dá que pensar*, p. 11.

Ao contrário do que se pensa sobre o símbolo como um revelador da consciência de si – o que pressuporia a ideia de que conhecemo-nos por pura atividade reflexiva de caráter intuitivo do idealismo fenomenológico –, o símbolo está, de fato, nos convidando a um “situar-se no mundo”, a uma reintegração do homem na *totalidade cósmica*¹⁷. Este movimento marca um retorno desta ida até o símbolo. Um retorno que permite que o sujeito se localize mais esclarecidamente, mais apropriadamente, no mundo.

Pode-se considerar o símbolo (criado através da metáfora) a nível de predicação, enquanto a narrativa a nível de uma intriga que combina intenções, causas e acasos. Um discurso estendido, como é o caso da narrativa, não é simplesmente a soma de partes individuais e, portanto, não assume um significado apenas na transposição e no alargamento do significado destas. “Um texto pede para ser construído porque não consiste numa simples sucessão de frases, colocadas num mesmo pé de igualdade e compreensível separadamente. Um texto é um todo, uma totalidade”¹⁸ e, logo, se faz necessário pensar a narrativa na sua especificidade.

Ricoeur considera o sistema de signos pensado por Saussure como uma sistema de natureza fechada, que não se refere a nada além de si mesmas, e portanto, acabam por não dizer nada. As palavras somadas individualmente ainda se encontram no nível de signos, mas não no nível de discurso significativo. Apesar de a sintaxe e a gramática serem necessárias para que uma língua alcance desdobramentos significativos, é a teoria da predicação que dá vivacidade à língua. Na sua *Autobiografia intelectual*, Ricoeur, ao retomar o conflito entre Benveniste e Saussure, reconhece inspirar-se na ideia de que a primeira unidade viva da linguagem é a frase e não os sinais lexicais. Doravante, Ricoeur pensará que as frases dependem de uma referência de contexto para serem entendidas, percebendo de que maneira este contexto afetará o significado do discurso. É importante ressaltar que, ao colocar a questão do contexto, Ricoeur renuncia a uma abordagem que se preocupa exclusivamente com a composição regrada (fonética, léxico, sintaxe, estilística) e localiza no centro da sua filosofia da linguagem o locutor e o interlocutor, isto é, alguém que diz alguma coisa a alguém.

As instâncias do símbolo e da metáfora são essenciais para o entendimento da narrativa e continuam a desempenhar um papel fundamental para o modelo de *discurso figurativo*; entretanto, esta extensão do discurso não é apenas uma amplificação do sistema criado até agora para compreender as inovações semânticas que escapam às partes individuais de um discurso, mas possui uma autonomia própria. Apenas com a linguagem figurada é que se alcançam

¹⁷ É curioso encontrar na própria *Autobiografia Intelectual* ricœuriana a informação de que a primeira questão filosófica que marcou significativamente seu estudo quando ainda era um adolescente foi uma discussão entre o atomismo para o qual “l’adversaire principal était l’idéalisme, suspecté de laisser la pensée refermer sa prise sur le vide; privé de réel, la pensée était contrainte de se replier narcissiquement sur elle-même” (RICOEUR, 1995, p. 12)

¹⁸ RICOEUR, 1995, p. 201.

instâncias da experiência humana como a da falta, do erro, do excesso. Esta linguagem figurada apela para símbolos, metáforas e configurações narrativas, que serão consideradas promoções verbais sempre provisoriamente articuladas - inovações semânticas configuradas por interpretações possíveis. Estas interpretações são um exercício de busca de sentido por parte de um sujeito finito e localizado que apenas consegue compreender a sua experiência na medida em que compreende as articulações simbólicas a respeito dela¹⁹.

O que diz respeito ao discurso figurativo (seja a metáfora, seja a poesia – e aqui se fala genericamente, desde a epopeia até a tragédia e a lírica), diz respeito a um discurso que não busca provas lógicas, mas que lida com a criatividade. Este âmbito do discurso permite uma distorção, ou uma inovação, que vai permitir dizer algo novo. Existe um caráter transgressivo nesta ordem de discurso. Transgressivo no sentido de transformativo,

que a torna [a inovação semântica] capaz de criar novo significado ao perturbar a ordem lógica existente, ao mesmo tempo que o gera sob nova forma. E o faz, como já percebera Aristóteles, porque nos leva a “ver” as coisas de modo diferente, não imitando-as – no sentido de produzir uma cópia – mas redescrivendo-as. É por isso que a metáfora tem uma função referencial e, em última análise, ontológica, assim como uma função criativa²⁰.

Esta projeção é o que Ricoeur chama de *mundo do texto*, e, ao contrário dos limites estruturalistas, é assumidamente um *não-lugar* e “trata-se de algo que o texto, por assim dizer, projeta não atrás, mas à frente de si”²¹. É um mundo projetado pelo texto, do qual ele participa, porque, se o texto fala sempre sobre algo, este algo é este mundo que se pode, enquanto leitor, habitar imaginariamente e apropriar orientadoramente à minha ação. Para que o sujeito compreenda um texto ou um discurso é necessário que capte este mundo do texto. É uma vez que o sujeito muda, sua forma de captar este mundo muda.

O papel do leitor, portanto, é motor deste autoconhecimento do modelo de sujeito reflexivo proposto por Ricoeur. É necessário, a partir de agora, considerar o autoconhecimento uma construção de si a partir da construção de significados para o texto. O texto, por não fazer referência ostensiva, precisa da mediação da leitura para ganhar sentido. Isto é, precisa da leitura porque é o leitor que vai criar a referência para o mundo do texto de ficção. Esta leitura vai resultar na *aplicação*, como a chamava Gadamer, ou, no vocabulário de Ricoeur, na *apropriação*. Quando considerado apenas o mundo do texto, enquanto desvinculado da leitura, “o

¹⁹ “Esse recurso à mediação da leitura marca a diferença mais sensível entre o presente trabalho e *A metáfora viva*”. Em RICOEUR, Paul. **Temps et récit III: Le temps raconté**. Paris: Éditions du Seuil, 1985, p. 276.

²⁰ PELLAUER, 2010, p. 95.

²¹ PELLAUER, 2010, p. 86.

mundo do texto continua sendo uma transcendência na imanência”²², isto é, ainda não é apropriado pelo leitor.

Considerando que o leitor não deva se estagnar neste “lugar irreal”, neste não-lugar, da literatura, mas que deva utilizá-lo significativamente como lugar de passagem, há de se considerar onde é que o leitor “chega” quando “chega” do outro lado. A leitura é a causa de um efeito que não é mais da ordem do poético, mas, por sua vez, é da ordem da *práxis*.

A fórmula do ato de leitura pensada por David Carr é de que tudo aquilo que engloba o ato narrativo, inclusive a leitura, é capaz de motivar um conhecimento, e o resultado deste conhecimento é a produção de um efeito histórico: “terá um efeito sobre o processo histórico graças à sua recepção pelos leitores, e contribuirá, assim, para a constituição da realidade histórica em si”²³.

Portanto, a verdade do sujeito hermenêutico “é, antes de mais nada, linguagem, abertura, isto é, uma proposta fundamental de sentido que só chega realmente a acontecer, se é apropriada por alguém que na sua leitura ou interpretação saiba fazer sentido”. O ser-no-mundo conhece a si, o mundo, o tempo, a realidade, e existe, em atos que se prolongam. Interpretar e compreender ora não fazem parte apenas da epistemologia, mas também da ontologia, porque o que resulta desta compreensão é um efeito na vida prática.

Desta forma, o ser-no-mundo só existe hermeneuticamente, marcado pela sua capacidade subjetiva de *receber* antes de promover: somos, enquanto seres humanos, fundamentalmente hermenêuticos, receptivos, pois está tudo já principiado quando pretendemos nós mesmos principiar. Herdamos uma língua, a qual hospedamos, e herdamos seus significados, sua cultura, sendo por eles afetados. Entretanto, o processo hermenêutico nos dá papel ativo: não apenas o de conhecer a herança, mas de transmitir a tradição, deixando nela uma marca situacional.

O que se compreende pela interpretação vai ser radicado na experiência, pois é compreendido por um leitor que precisa lidar com conflitos singulares, relacionais, afetivos. Conflitos tais que se fazem presentes na vida em comunidade. É esta a justificativa pela qual se guia o comportamento hermenêutico de interpretar situações para esclarecer uma situação inicial de dúvida, de mal-entendido, de ambiguidade, de decisão. Portanto o texto não é apenas um objeto epistemológico mas também um motor ontológico, cria efeito histórico sobre a condição do homem.

²² “Pris à part de la lecture, le monde du texte reste une transcendance dans l’immanence” em PELLAUER, 2010, p. 230.

²³ “Aura un effet sur le processus historique grâce à sa réception par ses lecteurs, et contribuera ainsi à la constitution de la réalité historique elle-même”. CARR, David. *Épistémologie et ontologie du récit*. In: GREISCH, Jean; KEARNEY, Richard. **Paul Ricœur**: les métamorphoses de la raison herméneutique. Paris: Cerf, 1991, p. 205-206.

Por que a literatura é um rico lugar de reflexão?

A eleição do locutor e do interlocutor enquanto elementos fundamentais da teoria da interpretação se justifica, principalmente, com o discurso escrito (inscrito), porque, se a fala desaparece, a escrita permanece e o significado do discurso perdura: é isso que a teoria hermenêutica tem que explicar, pois se os significados persistem quando o evento já passou, tais significados podem ser “tomados” – apropriados – por novos sujeitos em novas épocas e contextos. O autor desaparece, o público original desaparece e o panorama cultural não menos. Entretanto, enquanto ainda puder ser lido, isto é, se a linguagem a partir da qual foi desenvolvido continua sendo compreendida, o significado de um discurso em um texto continua existindo potencialmente, pois ele cumpre o objetivo de criar referências para que o interlocutor (no caso, o leitor) as ocupe.

A possibilidade de criar - e não de reinscrever conforme pretensões de verdade - faz da ficção um laboratório de experiências, reforçando a distanciação da interpretação pela nova função referencial que não apela aos fatos. A ficção é capaz de trabalhar a experiência humana em termos de revelação. Esta revelação de novos sentidos, novas compreensões, novas semânticas, vai resultar em uma transformação, aplicação, apropriação destes sentidos.

A narrativa de ficção tem, portanto, a condição de estar sempre colocando sob novas configurações os acontecimentos que se dão no mundo prático. Esta característica geral da narrativa desdobra-se comumente entre a narrativa historiográfica e a narrativa de ficção. Cada uma delas contribui ao seu modo (através de seu modo específico de configuração) para uma refiguração do tempo. Esta problemática que circula pela função e pela condição da narrativa é o fio que liga os três volumes de Tempo e Narrativa, e que se desenvolve apenas depois de esclarecidas as especificidades da metáfora e da função semântica do discurso figurativo em *A metáfora viva*. Desta forma, é a literatura, por excelência, um espaço de experimentação, um laboratório de experiências, que servirá como fonte inquestionável de possibilidades de sentido para o mundo do leitor, enquanto a historiografia preocupa-se em dar conta de agentes e ações e, para isso, precisa costurar agentes e ações em uma trama de fundo que se desenrola através de eventos narrativos. A literatura é um laboratório: “o universo narrativo constitui uma ocasião privilegiada para enriquecer o imaginário de múltiplas histórias que contribuem para forjar nossos ideais como nossas aspirações”²⁴. A competência que está por trás da literatura é a de produzir novas formas de significar linguisticamente, de criar novas semânticas.

²⁴ “L’univers narratif constitue une occasion privilégiée d’enrichir l’imaginaire de multiples histoires qui contribuent à forger nos idéaux comme nos aspirations” em MURIEL, Gilbert. **L’identité narrative: une reprise à partir de Freud de la pensée de Paul Ricœur**. Genebra: Labor et Fides, 2001, p. 139.

Consegue, por assim dizer, reunir as diversidades empíricas da experiência prática “quer se trate da tragédia antiga, do drama moderno, do romance, da fábula ou da lenda, a intriga realiza uma esquematização da acção que fornece variações imaginativas ao modo existencial de habitar o mundo”²⁵. É esta liberdade para criar independentemente da necessidade lógica, das referências ostensivas e das representâncias históricas que faz da literatura este quase-mundo sobre o qual o leitor pode se debruçar para vislumbrar hipóteses, as mais fantasiosas possíveis, sobre a vida prática. Administrando de maneira criativa as possibilidades apresentadas pelo mundo prático, o autor de uma obra de ficção apresenta ao leitor uma possibilidade de redescobrir, através destas peripécias e inversões de fortuna, a condição humana. Ricoeur até mesmo considera uma “função da arte, a de constituir um laboratório em que o artista leva adiante, por intermédio da ficção, uma experimentação com os valores”²⁶.

O poeta tem a possibilidade de experimentar hipóteses de ação fazendo da atividade mimética um laboratório de valores morais. A ficção, nestes termos, pode servir de palco de ensaios para ações que vão ser moralmente julgadas. Desta forma, o poeta, através da configuração narrativa, é capaz de criar conflitos entre as normas culturais já estabelecidas, procurando inovar abordagens sobre as convenções e convicções éticas herdadas.

Ricoeur desloca a narrativa de um lugar de contemplação estética, se o prazer que a obra nos proporciona é, acima de tudo estético, isso não significa que seja apenas da ordem do deleite, pois o estético não se reduz ao prazer. Se suspendemos momentaneamente nossa situação real, nosso mundo real, é porque deslocamos nossa capacidade de explorar e avaliar ações para esta dimensão literária, mas não porque nos encontramos neutralizados.

As experiências de pensamento que nos conduzem no grande laboratório do imaginário são explorações realizadas no reino do bem e do mal. [...] o julgamento moral não é abolido, ele é, ao contrário, submetido às variações imaginativas próprias à ficção²⁷.

A percepção estética se distingue da percepção cotidiana, e produz um prazer que não é nem ignorante nem mudo: o prazer estético pode dar a compreender através de um espaço de sentido aberto pela obra de arte, exigindo uma compreensão perceptiva e uma sugestão de sentido que não ocorre em experiências cotidianas.

²⁵ PORTOCARRERO, Horizontes da Hermenêutica em Paul Ricoeur, p. 60.

²⁶ “Fonctions les plus anciennes de l’art, celle de constituer un laboratoire où l’artiste poursuit sur le mode de la fiction une expérimentation avec les valeurs” PORTOCARRERO, Horizontes da Hermenêutica em Paul Ricoeur, p. 60.

²⁷ “Les expériences de pensée que nous conduisons dans le grand laboratoire de l’imaginaire sont aussi des explorations menées dans le royaume du bien et du mal. [...] le jugement moral n’est pas aboli, il est plutôt lui-même soumis aux variations imaginatives propres à la fiction” em RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1990, p. 194.

O texto atinge o leitor na medida em que lhe apresenta um conteúdo familiar sob formas desfamiliarizadas: aqui se encontra o motivo da teoria estética, e não apenas retórica da persuasão, pois há uma leitura ativa (atividade sintética de leitura), que depende do efeito da obra no leitor. Ricoeur localiza este problema sob o nome de teoria do efeito-resposta, que cria seu dinamismo entre a configuração do texto e a refiguração da experiência de leitura.

É nesta medida que a capacidade de interpretação acontece: para ser devolvida à vida prática. O texto, enquanto laboratório de experiências para a ação, pode ser fonte de interpretações. Note-se que a dimensão poética *acontece*, segundo Ricoeur, dentro da obra, e se *efetua* para além desta, isto é, a dimensão poética abre espaço para uma dimensão prática, que, por sua vez, expande-se para o campo ético.

Dentro da capacidade englobante da narrativa, a literatura faz-se um laboratório que é capaz de testar a consistência e a plausibilidade da ação. Para tanto ela desarruma e re-organiza²⁸ a realidade.²⁹ A nível epistemológico, a narrativa faz-nos entrar em contato com uma possibilidade de dizer (ou, na historiografia, um contato com um mundo passado) - ainda que se considere que o historiador construa uma narrativa refigurando os acontecidos ao invés de criando referências que possam ser consideradas “reais”, há a diferença de que as construções do historiador procuram ser reconstruções daquilo que foi, que foi “real”, enquanto a ficção não se preocupa a este respeito.

Ainda assim, chamar a narrativa ficcional de “irreal” por não corresponder a algo concreto é insuficiente dicotomia real-irreal não dá conta desta problemática pois na ficção há uma revelação e transformação da realidade, da vida e dos costumes. É o que chamar-se-á aplicação ou apropriação. A ficção, justamente por ser capaz de trabalhar com esta revelação- transformação, vai ter seu fim na teoria da leitura, que, como procurar-se-á mostrar ao fim deste estudo, influenciará diretamente no plano do real, influenciando e modificando este real.

A inovação narrativa da literatura sugere uma nova congruência da experiência através de uma imaginação produtora que buscamos identificar no terceiro capítulo com o conceito de *poiesis* na filosofia grega clássica, de modo a identificar dentro dela a diferença de produção pela *téchne* e pela *mimèsis*.

²⁸ Cf. RICOEUR, 1986, p. 30.

²⁹ O historiador, por sua vez, também é capaz de configurar a ação humana de modo a torná-la inteligível e significativa; porém, sua intenção não é a de variar criativamente sobre o real, mas de representar graficamente um passado que não é efetivamente capaz de acessar nem de conter, o que gera uma rica discussão, à qual não fizemos senão apontar, sobre a possibilidade de pensar uma historiografia nos moldes tradicionais, sua específica representatividade da passividade e seu valor de verdade.

Conclusão

Esta reflexão faz perceber que nosso conhecimento, não apenas do mundo mas do próprio sujeito, possui a condição de desproporção, isto é, nossa capacidade de conhecer vai ser sempre uma síntese entre a perspectiva finita que temos delas e as possibilidades infinitas de determiná-las, de dizê-las, o que traz à tona a fragilidade, a vulnerabilidade e a finitude do homem enquanto ser encarnado e que sofre os efeitos da temporalidade³⁰. Por isso “meu ponto de vista é a inevitável estreiteza inicial de minha abertura ao mundo”³¹, um limite diante do ilimitado. A filosofia do símbolo começa pelo que já foi dito e se propõe a promover sentidos sempre a partir do que foi dito, a partir do que já foi simbolizado.

O que nos interessa principalmente ressaltar aqui é que a possibilidade de esta narrativa se tornar significativa é uma possibilidade aberta pela nova relação sujeito-objeto proposta, na qual a condição de intérprete é considerada uma condição ontológica. É definitório aqui poder encarar o significado do discurso como um significado que pode ser construído pelo sujeito a partir do conflito entre seu mundo e o mundo deste discurso narrativo. “Será tarefa de uma *hermenêutica do discurso narrativo* reconstruir e assim tornar inteligível toda essa sequência, da experiência vivida à narrativa e desta novamente de volta à experiência vivida”³².

É importante perceber que existe, na teoria ricoeuriana, um retorno, uma circularidade, mas que não é um círculo vicioso. Justamente o contrário, é uma progressão. Não é nem o caso de o ponto de chegada reconduzir ao ponto de partida, nem mesmo de o ponto de chegada estar previsto desde o início³³. Para entender a maneira como acontece a teoria da leitura, sem a qual não se completa esta circularidade, Ricœur cria a imagem de “uma espiral sem fim que faz a meditação passar muitas vezes pelo mesmo ponto, mas numa altitude diferente”³⁴. Esta ideia de circularidade é a de um círculo hermenêutico que não cessa de renascer³⁵, tanto quanto os novos significados de um texto não cessam quando ele continua a ser narrado. Não se trabalha com a ideia de um texto fechado, encerrado em uma estrutura concluída, mas com um texto que, para ser texto, precisa da interação entre sua narrativa e o leitor.

Portanto o horizonte do leitor da obra de ficção e, logo, seu mundo, se constroem sobre essas referências que o quase-mundo dos textos poéticos possibilitou. As

³⁰ É o que Ricœur chama de *ontologia da desproporção*. PELLAUER, 2010, p. 46.

³¹ RICOEUR apud PELLAUER, 2010, p. 46.

³² PELLAUER, 2010, p. 101. Grifo nosso.

³³ *Le cercle de la mimèsis*. Cf. RICOEUR, Paul. **Temps et Récit I: L'intrigue et le récit historique**. Paris: Seuil, 1983, p. 110.

³⁴ “D'une spirale sans fin qui fait passer la méditation plusieurs fois par le même point”. RICOEUR, 1983, p. 111.

³⁵ RICOEUR, 1983, p. 116.

referências fazem o mundo, o mundo é aquilo que as referências possibilitam. Vê-se aqui que “o conceito de horizonte e de mundo não concerne só às referências descritivas, mas também às referências não-descritivas, as da dicção poética”³⁶. Justifica-se esta possibilidade de desenvolvimento cognitivo pelo constante contato com textos de ficção apenas quando se pensa que:

longe de só produzir imagens enfraquecidas da realidade, “sombras” como o quer o tratamento platônico da *eikôn* na ordem da pintura ou da escrita, as obras de ficção só pintam a realidade *augmentando-a* com todos os significados que elas próprias devem às suas virtudes de abreviação, de saturação e de culminação, espantosamente ilustradas pela tessitura da intriga³⁷.

Ao admitir a postura ativa do leitor, admite-se que ele incorpora novos sentidos em sua *práxis*, isto é, passa a posicionar-se, ou a encontrar-se, de maneira diferente diante da realidade. Passa a compreender-se enquanto sujeito diante do mundo *a partir e através* desta incorporação de sentidos.

O resultado da leitura interpretativa, e interpretação é sempre criativa, é que o leitor encontra no texto formas de mediar a si mesmo: “que saberíamos nós do amor e do ódio, dos sentimentos éticos e, em geral, de tudo aquilo a que nós chamamos o *si*, se isso não tivesse sido trazido à linguagem e articulado pela literatura?”³⁸. O leitor compreende a si mesmo quando traz a este si significados que conquistou nesta interpretação. O sujeito não vai em busca de compreender uma significação que se esconde atrás do texto tendo as chaves para esta interpretação; pelo contrário, o sujeito é constituído nesta sua ida ao texto, é ele que se compreende ao ir ao texto. Justificando, então, que para Ricoeur a reflexão sobre si inclui a reflexão do que está fora de si.

Note-se que disto se pode concluir que compreensão não é apenas um ato de apropriação, mas também de desapropriação. Uma desapropriação dos preconceitos, das pré-compreensões, do leitor, o qual, quando entra nesse círculo hermenêutico, retorna à *práxis* um sujeito tocado pelo mundo do texto e, portanto, outro sujeito, outro si.

Apropriação e desapropriação, nesta constante reconstrução e metamorfose do sujeito tanto epistemologicamente quanto ontologicamente, relacionam os âmbitos da poética e da *práxis*, descrevendo um sujeito que busca nos textos

³⁶ “Le concept d’horizon et de monde ne concerne pas seulement les références descriptives, mais aussi les références non descriptives, celles de la diction poétique”. Em RICOEUR, 1983, p. 121.

³⁷ “Loin que celles-ci ne produisent que des images affaiblies de la réalité, des « ombres » comme le veut le traitement platonicien de *l’eikôn* dans l’ordre de la peinture ou de l’écriture, les oeuvres littéraires ne dépeignent la réalité qu’en *l’augmentant* de toutes les significations qu’elles-mêmes doivent à leurs vertus d’abréviation, de saturation et de culmination, étonnamment illustrées par la mise en intrigue” em RICOEUR, 1983, p. 121.

³⁸ RICOEUR, 1983, p. 121.

referências prático-normativas para conseguir localizar a si mesmo no mundo. Lembremos: o pensamento filosófico não começou do nada, quando começou, começou a continuar algo: não foi da filosofia que partiu senão da poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARR, David. *Épistémologie et ontologie du récit*. In: GREISCH, Jean; KEARNEY, Richard. **Paul Ricœur**: les métamorphoses de la raison herméneutique. Paris: Cerf, 1991.
- RICOEUR, Paul. **Philosophie de la volonté**: Le Volontaire et l'Involontaire. Paris: Aubier, 1950.
- RICOEUR, Paul. **O símbolo dá o que pensar**. Revista *Esprit* 27/7-8, 1959. In: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/o_simbolo_que_da_que_pensar. Acesso em 03/06/2020.
- RICOEUR, Paul. **Temps et Récit I**: L'intrigue et le récit historique. Paris: Seuil, 1983.
- RICOEUR, Paul. **Temps et récit III**: Le temps raconté. Paris: Éditions du Seuil, 1985.
- RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- RICOEUR, Paul. **Réflexion faite**: Autobiographie intellectuelle. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- RICOEUR, Paul. **De l'interprétation**: essai sur Freud. Paris: Éditions du Seuil, 1965.
- RICOEUR, Paul. **Do texto à acção**. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando, Porto: Rés, 1986.
- MURIEL, Gilbert. **L'identité narrative**: une reprise à partir de Freud de la pensée de Paul Ricœur. Genebra: Labor et Fides, 2001.
- PELLAUER, David, **Comprender Ricœur**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- PORTOCARRERO, Maria Luísa. **A hermenêutica do conflito em Paul Ricœur**. Coimbra: Minerva, 1992.
- PORTOCARRERO, Maria Luísa. **Horizontes da Hermenêutica em Paul Ricœur**. Coimbra: Ariadne, 2005.
- PORTOCARRERO, Maria Luísa. **Conceitos Fundamentais de Hermenêutica Filosófica**. Coimbra, 2010. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/conceitos_herm. Acesso em: 23/07/2014.

Artigo recebido em 01/04/2020

Aceito em 25/05/2020